

PADRÕES DE USO DOS SISTEMAS DE MEMÓRIA DE TRADUÇÃO¹

Adriana Ceschin Rieche
PUC-Rio
adriana@arquitexto.com.br

Resumo: Diante do papel cada vez mais importante desempenhado pelas ferramentas de auxílio à tradução no trabalho de tradutores profissionais, a discussão das conseqüências de sua utilização assume especial interesse. O presente artigo concentra-se em apresentar os resultados de uma pesquisa realizada com tradutores brasileiros para traçar os padrões de uso de apenas uma dessas ferramentas: os sistemas de memória de tradução, que surgiram prometendo ganhos de produtividade, maior consistência e economia. Esta pesquisa foi realizada por meio de um questionário distribuído por *email*, tendo como pano de fundo a pesquisa realizada internacionalmente pela Localization Industry Standards Association (LISA), organização que congrega os membros da indústria da localização, segmento que mais utiliza as memórias de tradução. O questionário foi desenvolvido para tentar responder a perguntas levantadas com o uso de dois destes sistemas de memória de tradução no meu trabalho como tradutora profissional (Trados Translator's Workbench e Wordfast) e a percepção de que, ao lado das vantagens anunciadas pelos fabricantes, estes programas também podem trazer alguns problemas durante o processo tradutório.

Palavras-chave: Estudos da tradução; memória de tradução; indústria da localização; avaliação de qualidade.

Abstract: Considering the increasingly important role played by computer-aided translation tools in the work of professional translators, the discussion about their use gains special interest. This article focuses on presenting the results of a survey carried out with Brazilian translators to examine the usage patterns of only one of these tools: translation memory systems, which were developed to ensure productivity gains, more consistency and cost savings. This survey was conducted via a questionnaire sent by email,

using as background the international survey undertaken by the Localization Industry Standards Association (LISA), the international organization for the localization industry, segment in which such systems are used the most. The questionnaire was developed to try to answer the questions raised with the use of two of these translation memory systems in my work as a professional translator (Trados Translator's Workbench and Wordfast) and the perception that, together with the advantages promoted by the manufacturers, such systems can also bring some problems during translation.

Keywords: Translation Studies; translation memory; localization industry; quality assessment.

Introdução

Diante do papel cada vez mais importante desempenhado pelas ferramentas de auxílio à tradução no trabalho de tradutores profissionais, a discussão das conseqüências de sua utilização assume especial interesse. O presente artigo concentra-se em apresentar os resultados de uma pesquisa realizada com tradutores brasileiros para traçar os padrões de uso de apenas uma dessas ferramentas: os sistemas de memória de tradução, que surgiram prometendo ganhos de produtividade, maior consistência e economia. Esta pesquisa foi realizada por meio de um questionário distribuído por *email*, tendo como pano de fundo a pesquisa realizada internacionalmente pela Localization Industry Standards Association (LISA), organização que congrega os membros da indústria da localização, segmento que mais utiliza as memórias de tradução.

O questionário foi desenvolvido para tentar responder a perguntas levantadas com o uso de dois destes sistemas de memória de tradução no meu trabalho como tradutora profissional (Trados Translator's Workbench e Wordfast) e a percepção de que, ao lado das vantagens anunciadas pelos fabricantes, estes programas também podem trazer alguns problemas durante o processo tradutório.

Será que as vantagens propostas são de fato vantagens? É possível confiar inteiramente na sugestão apresentada pelo sistema de

memória? Até que ponto a prática de pagamento proporcional ao grau de equivalência proposto pela memória é justa? E quando a equivalência de 100% não é 100%? Como fazer com que a ferramenta seja de fato útil? E como fica a questão ética nos casos em que a memória fornecida pelo cliente está abaixo do padrão de qualidade satisfatório e prejudica o resultado final do trabalho? Em que medida o tradutor deve realizar tarefas pelas quais não está sendo pago? Estas são algumas das perguntas que motivaram o desenvolvimento da pesquisa.

O questionário foi elaborado e enviado a tradutores autônomos e funcionários de empresas de tradução, bem como a empresas de tradução e localização, contendo, entre outras, perguntas com a finalidade de verificar se eram utilizados sistemas de memória de tradução; em caso afirmativo, atendendo a que função, para que tipo de texto, em que setor; se foi exigência do cliente; como é feita a manutenção e a revisão e, em caso negativo, por que não, e se havia intenção de vir a utilizar um sistema de memória no futuro. O Apêndice I apresenta o questionário na íntegra.

Os resultados do questionário foram muito relevantes porque comprovaram muitas das minhas próprias intuições como usuária de sistemas de memória de tradução em termos de suas vantagens e potenciais problemas, e motivaram a continuação do estudo que acabou resultando na dissertação de mestrado intitulada “Memória de tradução: auxílio ou empecilho?”, defendida na PUC-Rio em 2004.

Além disso, os resultados mostram que os padrões de uso nacionais são semelhantes aos observados no cenário internacional, com uma tendência de aumento cada vez maior de utilização, embora ainda haja um número razoável de profissionais que não sentem necessidade de usar estas ferramentas, em função do tipo de texto com o qual trabalham. Para quem ainda está pensando se vai ou não fazer o investimento em um destes sistemas também é útil conhecer os padrões de uso atuais que poderão servir como parâmetro na hora da decisão.

Há vários sistemas disponíveis hoje no mercado, cada qual com características e especificidades próprias. A escolha de um sistema ou de outro depende não só de preferências pessoais e propósitos de uso específicos, mas muitas vezes são exigências do cliente, fazendo com que o tradutor acabe tendo que conhecer vários deles.

Acredito que conhecer os padrões de uso destes sistemas ajude a entender o mercado, as expectativas e frustrações dos usuários, permitindo também ter uma visão geral dos tipos de problemas com os quais o tradutor pode se deparar. É interessante saber que os mesmos problemas são semelhantes ou se repetem, qualquer que seja o sistema utilizado, e que é possível desenvolver uma rotina de trabalho que permita minimizar e, possivelmente até eliminar, estes problemas no futuro.

Vantagens e potenciais problemas

Discutir memória de tradução sempre traz à tona questões polêmicas ainda sem solução, que tendem a se complicar à medida que o sistema de memória se populariza e passa a ser usado por um número maior de tradutores e em tipos de texto variados.

É inegável que o advento dos sistemas de memória de tradução realmente trouxe inúmeras vantagens quando comparado ao que existia antes: a cada nova versão ou a cada nova atualização de um produto de software ou site era necessário traduzir desde o início todo o material. Os fabricantes anunciam seus produtos como a solução ideal para a tradução de grandes volumes de texto, e o tradutor muitas vezes fica perdido diante das possibilidades oferecidas por ferramentas desse tipo.

Este é campo novo e há muito ainda por fazer. Existem poucas pesquisas sobre memória de tradução, e as que existem são principalmente de cunho comparativo, como análises de custo-benefício, e tratam de questões ligadas à interface do usuário. No entanto, alguns trabalhos de especialistas da indústria podem ajudar o tra-

dutor a entender melhor todas as facetas envolvidas e abordam, entre outros temas, a questão da autoria ou a quem pertence a memória (ao cliente final, à agência de tradução ou ao tradutor); a prática, por parte de alguns clientes, de tarifas diferenciadas, dependendo do grau de equivalência apresentado na memória em relação ao projeto atual; e as possíveis desvantagens da utilização desses sistemas, a saber: indução ao erro, limitações impostas pela segmentação, falta de visão do texto final, necessidade de aprender nova ferramenta e possíveis problemas de formatação.

Dos artigos e textos existentes sobre o assunto, a maioria encontra-se disponível na Internet e apresenta pontos em comum que merecem destaque.

Um dos primeiros estudos disponibilizados pela Web foi a tese de mestrado de Gerald Dennett, de 1995, pela Faculdade de Engenharia, Ciência e Tecnologia da South Bank University, em Londres. Ele apresenta uma visão geral do uso da tecnologia da informação na tradução, analisando sistemas de tradução automática e sua relação com os sistemas de memória de tradução, procurando identificar sua utilidade para tradutores profissionais. Suas conclusões são bem interessantes. Quase dez anos depois, embora alguns dos problemas tenham sido resolvidos, principalmente aqueles ligados à interface do usuário e formatos de arquivos, outros ainda persistem, incluindo questões relativas à segmentação, formatação, custo de aquisição e disponibilidade.

Na época, Dennett afirmou que o uso dos sistemas de memória de tradução ainda era para os pioneiros e que havia grande potencial para sua incorporação nas rotinas de trabalho dos tradutores – que, segundo ele, estavam “ávidos por uma ferramenta que pudessem aliviá-los das tarefas repetitivas oferecendo, ao mesmo tempo, a possibilidade de conseguir melhor qualidade com menos esforço por parte do tradutor” (Dennett, 1995:3)².

Lynn Webb, em 1998, em sua tese de mestrado pelo Monterey Institute of International Studies, aponta os possíveis ganhos em termos de economia de custos e tempo obtidos com o uso de siste-

mas de memória de tradução, sem, no entanto, utilizar exemplos concretos das ferramentas. Sua abordagem é mais genérica e mostra, por meio de uma análise comparativa de custo-benefício, como clientes, agências de tradução e tradutores podem se beneficiar com o uso de uma ferramenta de memória. Sua conclusão também é favorável e aponta para um futuro quase que inteiramente automatizado, enfatizando que o tradutor terá de se adaptar às novas tecnologias e soluções para permanecer competitivo.

Em *Unity in Diversity?*, obra de 1998 que reúne artigos de vários estudiosos da tradução, cujo principal objetivo é discutir as tendências dos Estudos da Tradução sob diferentes enfoques, a seção dedicada à tradução assistida por computador apresenta algumas contribuições interessantes, elaboradas por especialistas em ferramentas de auxílio à tradução da indústria. Matthias Heyn (1998) apresenta uma discussão detalhada sobre a tecnologia envolvida nesses sistemas, os tipos de usuários atendidos e seu impacto psicológico e financeiro nos tradutores. Ele defende a idéia de que o uso desses sistemas não se restringe ao setor de software, enfatizando que o perfil dos usuários muda o tempo todo. Sua perspectiva é especialmente interessante porque abrange não só os aspectos técnicos mas também questões não-técnicas emergentes com o uso dos sistemas. Um dos pontos por ele destacado e que merece atenção, por exemplo, é a forma como a tecnologia de memória de tradução pode afetar o estilo dos textos traduzidos, em função da tendência por parte dos tradutores de eliminar referências anafóricas e catafóricas para aumentar as probabilidades de reaproveitamento dos segmentos traduzidos.

Sharon O'Brien (1998) faz uma análise abrangente do uso de ferramentas de auxílio à tradução na indústria da localização e aponta algumas vantagens e desafios para tradutores, empresas de localização e clientes, ressaltando os ganhos em termos de consistência e eficiência que os sistemas de memórias de tradução possibilitam. Seu enfoque é positivo, ressaltando que os desafios podem ser facilmente superados, com maior cooperação entre desenvolvedores e usuários dessas ferramentas.

Magnus Merkel (1998), como parte de um projeto desenvolvido para o Departamento de Informática da Universidade de Linköping, na Suécia, faz um estudo sobre a questão da variação e consistência em traduções técnicas, especificamente em relação ao uso de sistemas de memória de tradução e outras ferramentas de auxílio à tradução. O resultado do estudo é interessante, porque aponta para uma atitude em geral positiva dos tradutores quanto ao uso de memórias de tradução e à importância da consistência nas traduções técnicas, embora tenha encontrado evidências de que nem sempre existe consenso entre os tradutores a respeito do que seja a “melhor tradução” para um segmento. Isso sugere que os tradutores talvez nem sempre estejam dispostos a aceitar as traduções propostas pelos sistemas de memória. Merkel termina questionando os efeitos do uso da ferramenta sobre a qualidade das traduções.

Em um estudo comparativo sobre os produtos de memória de tradução publicado em 1999 no boletim do ITI (*Institute of Translation and Interpreting*), associação que congrega mais de 3.000 tradutores profissionais autônomos e funcionários de empresas e estabelecimentos de ensino no mundo todo, Michael Benis faz uma análise bastante detalhada sobre os produtos dos fabricantes Atril (Déjà Vu), IBM (Translation Manager), Star (Transit), Trados (Translator’s Workbench) e SDL (SDLX), oferecendo sugestões e recomendações para quem deseja investir nesses produtos. Ele compara o uso de um bom sistema de memória de tradução a ter um tradutor experiente sempre ao seu lado para ajudar a resolver problemas relativos à terminologia ou colocações recorrentes. A análise foi feita há alguns anos e muitas empresas já lançaram novas versões de seus produtos desde então, mas Benis levanta algumas questões pertinentes, que estão cada vez mais presentes na prática.

Uma delas refere-se à qualidade da memória. Segundo o estudo, parece haver pouca dúvida de que os sistemas podem ajudar a aumentar a precisão e a consistência terminológicas. Em termos de estilo, no entanto, há muita controvérsia. Dos programas comparados, apenas três (Déjà Vu, Transit e Translator’s Workbench) permitem dividir e unir segmentos inteiramente. Essa restrição,

segundo Benis, pode afetar a fluência do documento traduzido, o que de fato é verificado, uma vez que o tradutor fica preso à segmentação. A recomendação, nesse caso, é fazer uma nova revisão do documento uma vez concluída a sua tradução, levando em conta os aspectos de estilo e fluência. Tudo isso precisa ser levado em conta na consideração sobre os ganhos potenciais de produtividade obtidos com o uso da ferramenta.

Outra questão envolve a diferença de pagamento conforme o grau de equivalência encontrado. Muitos clientes aplicam uma estrutura de preços diferenciada com base no percentual de equivalência obtido com a aplicação de recursos disponíveis nos sistemas de memória, como a pré-tradução ou a análise estatística, que serão explicados mais adiante. Alguns, por exemplo, não querem pagar mais de 25% da tarifa integral por palavra para um equivalente de 100%. Isso pode significar uma redução de renda, uma vez que é sempre sensato ler esses segmentos pelo menos uma vez para garantir que não há problemas de qualidade na memória, como erros de tradução ou gramática e inadequação ao contexto do novo texto. A recomendação geral do autor é não aceitar tarifas menores por equivalências de 50%, uma vez que são grandes as chances de que o texto tenha de ser inteiramente traduzido, sem aproveitamento da sugestão.

Em seu livro sobre localização, Bert Esselink (2000) dedica um capítulo inteiro às tecnologias de tradução, incluindo as memórias, apresentando as principais características e as vantagens e desvantagens de sua utilização. Sua descrição bastante atual das etapas envolvidas no processo de localização mostra como hoje é impossível prescindir de uma ferramenta desse tipo para que uma empresa consiga dar conta de traduzir grandes volumes. Esse link também apresenta os recursos dos principais programas existentes no mercado. Devido à abrangência de sua abordagem, este guia prático é hoje referência nos centros que se dedicam ao ensino de localização, segmento que mais utiliza os sistemas de memória de tradução, como já observado.

Em uma obra recente sobre ferramentas eletrônicas para tradutores, Frank Austermlühl, professor e pesquisador de Estudos da

Tradução na Universidade de Mainz, na Alemanha, menciona as vantagens oferecidas pelos sistemas de memória, mas ressalta que nenhuma das ferramentas disponíveis no mercado oferece um recurso aceitável capaz de lidar com o processo de coordenação necessário em projetos distribuídos, nos quais há vários tradutores em diferentes locais trabalhando no mesmo projeto e com a mesma memória (Austermühl, 2001:146).

Em 2003, a LISA publicou uma pesquisa sobre os padrões de uso dos sistemas de memória de tradução conduzida pela Internet no final de 2002.³ Tendo abrangência internacional, a pesquisa mostra a importância assumida pelas ferramentas de memória nos projetos de localização atuais. Os resultados dessa pesquisa serão comentados em detalhes mais adiante, pois serviram de ponto de partida para a comparação com a realidade brasileira.

Apesar da variedade de perspectivas, o que parece unir todos os estudos é a questão das vantagens oferecidas e de como aproveitar melhor esse recurso. São apresentadas sugestões para quem está pensando em usar essas ferramentas. No entanto, os problemas são apenas mencionados como possibilidade, sem maior aprofundamento.

A seguir serão apresentadas algumas das vantagens mais frequentes mencionadas pelos fabricantes, juntamente com os problemas que podem ocorrer e os comentários dos tradutores que responderam ao questionário.

- ***Consistência:***

Os sistemas podem ajudar a garantir que os documentos sejam consistentes entre si, incluindo definições, expressões e terminologia comum. Isso é particularmente válido quando vários tradutores estão trabalhando em um único projeto e quando existem diversos documentos a serem traduzidos. O banco de dados de traduções e terminologia que é desenvolvido durante o processo ajuda a pro-

mover a uniformidade na documentação, assim como em projetos de tradução subseqüentes, do mesmo cliente ou da mesma indústria.

O recurso de Concordance (encontrado em programas como o Trados Translator's Workbench ou o Wordfast) permite garantir essa consistência. Esse é um recurso apontado pelos tradutores que responderam ao questionário como altamente favorável, uma vez que não há necessidade de pesquisar a tradução novamente para o mesmo termo. A busca em contexto ajuda a manter a consistência de estruturas semelhantes – uso de expressões e colocações, além dos termos técnicos propriamente ditos. O recurso consiste em buscar a palavra ou expressão em outras unidades de tradução incluídas na memória, observando suas repetições individuais e a maneira como foram previamente traduzidas.

Algumas observações dos tradutores que responderam ao questionário distribuído merecem destaque, porque tocam justamente nessa questão.

“Maior consistência é uma vantagem com certeza. A velocidade só aumenta a partir do momento em que se tem uma memória boa da terminologia de um determinado cliente ou assunto.” (Informante 2)

“Velocidade e padronização são as vantagens óbvias. O resto depende do objetivo – em alguns casos, ao menos em uma primeira fase de adaptação, pode até complicar.” (Informante 6)

“Se você consegue mais padronização de terminologia, a consistência aumenta e, por conseguinte, a velocidade aumenta proporcionalmente ao menor tempo usado em pesquisas.” (Informante 18)

O possível problema surge quando o tradutor resolve usar o recurso de busca para manter a consistência de seu trabalho com versões anteriores e descobre que a memória, longe de estar consistente, apresenta várias frases e expressões semelhantes traduzidas de diferentes maneiras. Se a memória foi desenvolvida pelo próprio tradutor e pertence a ele, o procedimento a seguir é indicado pelos fabricantes: reorganizar a memória, eliminar as traduções diferen-

tes para uma mesma frase e manter a tradução mais recente. Se a memória foi passada por um cliente para trabalho terceirizado, como proceder? Indicar a inconsistência ou o erro, selecionar uma tradução (provavelmente a sua) e continuar trabalhando.

A questão é: quando a memória vai ser atualizada? Quando os problemas serão eliminados? Aqui não há consenso em termos de quem deve assumir a responsabilidade por essa revisão, já que envolve também a delicada questão da propriedade da memória e do tempo necessário para realizar a tarefa. Além disso, ao adotar uma nova tradução, diferente da contida na memória, o tradutor acaba por contribuir para o aumento da inconsistência, ainda que sua tradução possa estar mais adequada do que a anterior.

- *Produtividade:*

Os sistemas de memória de tradução também podem agilizar e acelerar o processo de tradução. Uma vez que esses sistemas armazenam traduções anteriores, eliminam a necessidade da retradução de texto semelhante, instruções idênticas em várias edições, glossários de termos comuns a um mesmo setor ou grupo de documentos, ou mensagens de aviso e erro que aparecem em vários documentos. O tradutor pode traduzir o material uma só vez e reutilizar ou fazer pequenos ajustes, conforme necessário.

Os fabricantes sugerem que existe a possibilidade de um aumento de até 50% de produtividade, com as taxas de reutilização variando entre 30% e 70%, dependendo do tipo de texto e da quantidade de material traduzido já existente.

No entanto, a questão persiste: se a memória apresenta problemas de qualidade (erros variados, inconsistências), a produtividade certamente vai cair, uma vez que o tradutor terá de interromper seu fluxo de trabalho para abordar os erros encontrados, seja corrigindo os erros, seja gerando um relatório ou planilha para informar o ocorrido ao cliente.

- *Custo:*

Segundo os fabricantes, os sistemas de memória de tradução não só tornam o processo consistente e eficiente, mas também reduzem custos, levando em conta necessidades de tradução de longo prazo. Por exemplo, considerando um grupo de documentos, o tradutor pode precisar traduzir 100% do primeiro manual, mas apenas 80% do próximo, 75% da terceira versão e assim sucessivamente. Da mesma forma, uma mensagem de aviso poderia ser traduzida uma única vez e reutilizada em todos os documentos da mesma série ou relacionados a um mesmo produto. Além disso, como o sistema cria um banco de dados de terminologia e expressões específicas de um produto, empresa ou indústria, torna os trabalhos de tradução subseqüentes mais baratos porque parte do material já está traduzido.

Outra vantagem ressaltada pelos fabricantes é a maior satisfação dos clientes e maior lealdade. Voltando à idéia do investimento de longo prazo, quanto mais o sistema for utilizado, maiores serão as chances de sua utilização ser benéfica.

No entanto, se a memória apresenta problemas, dificilmente as vantagens de economia de custos poderão ser mantidas. Se os problemas na memória resultarem em um produto localizado com erros ou com inconsistências, muito provavelmente o material precisará ser revisado, corrigido e revalidado, o que fatalmente envolverá a utilização de recursos para essa função. Tudo isso sem contar com a possível perda de credibilidade e confiança que um problema dessa natureza pode causar, estremecendo as relações entre o fornecedor de tradução e o cliente final.

Ainda existem tradutores que não se convenceram das vantagens das memórias de tradução. Seus comentários também são relevantes, porque resumem bem o conflito que enfrentam quando se deparam com as ofertas dos fabricantes:

“Tenho observado que os tradutores que usam esses sistemas estão muitas vezes em conflito. Os programas, por um lado, per-

mitem trabalhar com mais eficiência em grandes projetos que, por seu próprio volume, são mais lucrativos. Por outro lado, os clientes pressionam um rebaixamento dos preços, argumentando que os programas ‘facilitam’ o trabalho e que o tradutor, de fato, ‘traduz’ menos. A rentabilidade que os programas permitem, portanto, é relativa.” (Informante 6)

“Utilizei o Trados, o SDLX e o Transit por solicitação de clientes. Todos têm vantagens e desvantagens. Nunca saí ganhando em produção (velocidade) e não tive trabalhos tão extensos que comprometessem a consistência da terminologia. São ferramentas caras, sempre incompatíveis, forçando o tradutor a investir continuamente para se manter atualizado. Muitas vezes a formatação do texto não favorece o uso das ditas cujas, que no final acabam esmagando todo o trabalho de layout. Um tradutor que se preocupa em fazer seus glossários, e sabe trabalhar com search & replace pode muito bem trabalhar sem fazer esses investimentos.” (Informante 69)

“Até hoje as demonstrações que vi não me convenceram a investir no preço, muito embora eu ache a idéia interessante. Mas eu prefiro trabalhar cada texto, não me agrada a idéia de ter o texto traduzido eletronicamente (mesmo que seja só parte) para depois revisar tudo. E também acho desestimulante investir num preço alto e depois ainda ter descontado o percentual de acertos do programa.” (Informante 74)

Como vimos, os programas de memória têm seus prós e contras, que precisam ser avaliados com mais cuidado. O simples fato de se traduzir com o auxílio de um sistema de memória de tradução não garante a qualidade do produto final. Vários fatores precisam ser levados em conta. Daí a importância de ter uma perspectiva abrangente sobre o tema, respaldada por dados de pesquisas com usuários.

Pesquisa da LISA

A pesquisa sobre memórias de tradução usada como base para desenvolver o questionário (a ser apresentado na seção seguinte) – LISA/OSCAR Translation Memory Survey – foi conduzida *on-line* entre agosto e outubro de 2002 pela Localization Industry Standards Association (LISA), como observado, e foi respondida por profissionais de empresas de localização de tamanho variado. Os resultados da pesquisa estão disponíveis desde janeiro de 2003 no site da LISA, em uma seção especificamente voltada para as pesquisas realizadas pela associação (www.lisa.org/products/survey.html). Outros temas de pesquisas recentes e relevantes para a área de tradução incluem faixas salariais dos profissionais de localização, gerenciamento de terminologia, suporte e uso de padrões para comércio eletrônico (e Business) e recursos existentes para globalização.

A principal constatação da pesquisa em questão é a de que o uso da tecnologia de memória de tradução está se consolidando rapidamente, com 87% dos participantes utilizando os sistemas há pelo menos um ano. Desde a introdução do padrão aberto TMX (Translation Memory eXchange)⁴ em 1997, o crescimento desses sistemas tornou-se um importante fator para a concorrência mundial das empresas que atuam nos setores de globalização, internacionalização, localização e tradução.

O objetivo da pesquisa da LISA foi identificar os padrões de uso dos sistemas de memória de tradução, verificar que tipo de atividades são realizadas nos bancos de dados de memória, considerar se existe a possibilidade da adoção generalizada dos padrões abertos e apontar tendências para o futuro.

A pesquisa foi respondida por 134 profissionais que atuam em empresas de tamanho variado, com volumes de tradução entre menos de 1 milhão de palavras ao ano a mais de 50 milhões de palavras ao ano. Os entrevistados representavam uma grande variedade de profissões, de tradutores autônomos a engenheiros e representantes de instituições acadêmicas, sendo a grande maioria

proveniente das categorias gerenciais e profissionais ligados às empresas de localização e tradução.

Os resultados que se destacam na pesquisa da LISA mostram que:

- os usuários demonstram sofisticação no uso da tecnologia, com consciência das limitações e vantagens oferecidas;
- o tempo de uso faz diferença em termos do tamanho do banco de dados e sua importância estratégica;
- o número de palavras ou laudas traduzidas *não* está relacionado com o grau de uso de memória;
- a grande maioria utiliza os sistemas de memória de tradução para outras atividades além da “simples” tradução, incluindo funções estatísticas de contagem e análise de prazo, backup, extração de termos para compilação de glossários, controle de qualidade, entre outras;
- existe a disposição de utilizar padrões abertos que permitam maior nível de troca e reutilização dos sistemas de memória, facilitando sua integração com tecnologias adicionais, sendo que alguns apresentaram interesse em comprar ou vender suas memórias.

Praticamente todos os entrevistados utilizam ferramentas de memória de tradução na sua atividade tradutória, sendo que a maioria (60%) indicou que o uso abrange de 75 a 100% do seu trabalho, independentemente do volume de palavras traduzidas, ou seja, empresas com volumes pequenos ou grandes de tradução utilizam os sistemas de forma semelhante. Aqueles que estão abaixo desse nível de uso esperam ampliar a utilização para novas áreas.

As empresas (ou pessoas) que adotam as ferramentas de memória de tradução tendem a depender cada vez mais delas, pois trata-se de um investimento cujo retorno advém do acúmulo de unidades de tradução por meio do uso constante, com o conseqüente aumento das chances de reaproveitamento de trabalhos anterior-

res. Assim, quanto mais tempo a empresa utiliza o sistema de memória, maior a probabilidade de continuar a utilizá-lo no futuro.

Os participantes também demonstram sofisticação considerável em seu entendimento sobre as limitações e os pontos fortes do software de memória. O motivo mais comum citado para não utilizar a memória em alguns projetos foi o fato de os trabalhos serem recebidos em formatos não aceitos pelas ferramentas de memória, como PDF, ou impressos. Outro motivo apontado para não utilizar a ferramenta é trabalhar com textos menos afeitos a esse tipo de tecnologia – textos de marketing, literários ou extremamente curtos – sem repetições.

A maioria dos usuários dos sistemas de memória (88%) está usando o sistema há mais de um ano e 32% o empregam há mais de cinco anos. Os primeiros a adotar a tecnologia (aqueles com mais de cinco anos de uso) tendem a ter os maiores bancos de dados disponíveis – praticamente 15 vezes o tamanho de quem está usando o sistema de memória de um a cinco anos e 400 vezes maior que o tamanho dos que utilizam o sistema há menos de um ano. Esses bancos de dados representam um investimento considerável e um ativo estratégico para as empresas. Segundo a LISA, as empresas que demorarem muito em adotar um sistema desse tipo não conseguirão alcançar os ganhos de produtividade obtidos pelos primeiros usuários.

Os motivos mais citados para a adoção dos padrões abertos (*Open-TM standards – TMX*) são as finalidades de troca e suporte a esses padrões. Vinte e nove por cento dos participantes informaram que pedidos dos clientes são um fator motivador para a adoção de padrões TMX. Garantir a capacidade de reutilização e a fácil integração de tecnologias adicionais também são fatores importantes para a adoção desses padrões.

A operação mais comum realizada nos segmentos dos sistemas de memória é QA (*Quality Assurance*), seguido pela substituição de termos nos segmentos. Considerando a prevalência dessas tarefas, muitos usuários gostariam de ver melhorias nas ferramentas

voltadas para essas atividades. Praticamente 90% dos participantes disseram utilizar os segmentos da memória para finalidades que vão além da “mera” tradução. Este é um aspecto interessante que será retomado mais adiante.

Quando perguntados se estariam interessados em comprar, vender ou negociar seus ativos em memória de tradução (em transações com outras empresas), 65% dos entrevistados indicaram que estão dispostos a participar do mercado de alguma forma, 50% deles estando interessados na troca com outras empresas. Embora tal mercado não exista ainda e possa haver problemas legais envolvidos, o aumento dos serviços para Web e o uso de memórias baseadas na Web poderão tornar esse tipo de mercado viável em breve. O estudo indica que essa tendência provavelmente poderá ser melhor observada nos próximos anos. Atualmente é impossível fazer generalizações sobre as empresas interessadas no mercado de memórias de tradução, mas esse número pode ser considerável.

Estes dados confirmam o uso cada vez mais abrangente dessas ferramentas para vários tipos de texto. Além disso, mostram que a sofisticação dos usuários e a compreensão sobre as possíveis vantagens trazidas pelos sistemas de memória de tradução aumentaram consideravelmente nos últimos anos, assim como o grau de penetração de mercado das ferramentas desse tipo. Como a maioria dos usuários já utiliza a tecnologia há mais de um ano, parece razoável supor que os desenvolvedores de ferramentas de memória não poderão se basear apenas no crescimento do mercado para aumentar suas vendas. Cada vez mais os usuários esperarão e exigirão mais de seus sistemas, levando a uma maior concorrência entre os fabricantes com base nos recursos oferecidos. À medida que o tamanho dos ativos de memória aumenta, a necessidade e a demanda por TMX e outros padrões relacionados à memória também crescerão.

Essas conclusões têm um reflexo direto nas práticas de uso no mercado brasileiro e tornam a questão da qualidade da memória muito pertinente.

Questionário

O questionário distribuído aos tradutores brasileiros tinha objetivos diferentes, já que não incluía aspectos relacionados ao uso do padrão TMX, mas os resultados foram consistentes com a pesquisa da LISA e indicam que os tradutores estão usando cada vez mais estes sistemas (ver Apêndice I).

O questionário consistiu em 25 perguntas. Foram 80 respostas ao todo, sendo algumas incompletas, pois nem todos responderam a todas as perguntas, principalmente as discursivas. Isso fez com que algumas vezes os resultados não somassem 100%. Além disso, muitos tradutores utilizam mais de uma ferramenta desse tipo em função de exigências do cliente para projetos específicos. Outro ponto importante a ressaltar é que o participante podia escolher mais de uma resposta em cada pergunta, o que acabou causando diferenças entre as somas parciais e o total, ou seja, o percentual pode somar mais de cem.

Do total, 68 responderam que conhecem os programas de memória e 12 que não conhecem. Dos que conhecem, 18 não utilizam os sistemas, principalmente porque não sentem necessidade, não trabalham com textos eletrônicos, acreditam que os sistemas têm resultados insatisfatórios ou falhos e não trabalham com grande volume de textos. Dentre os que não os utilizam, nove planejam usá-los no futuro, porque consideram que esses sistemas poderão ajudá-los de alguma forma no trabalho de tradução. A maioria dos indecisos têm dúvidas principalmente com relação ao investimento a ser feito – não sabem se será compensado. A figura 1 apresenta estes dados.

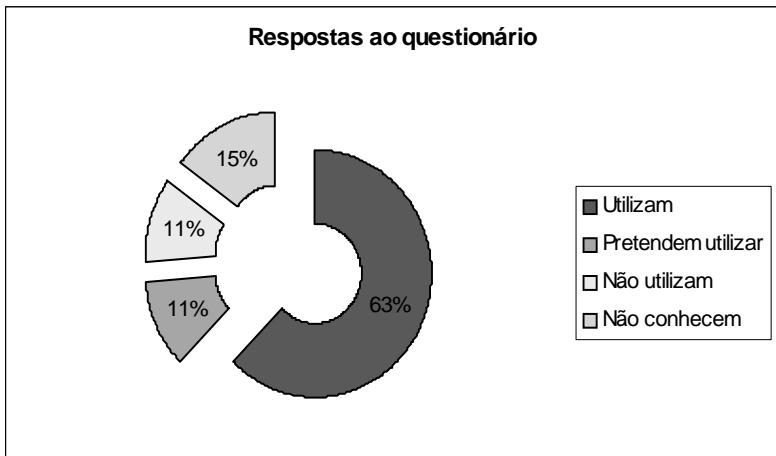


Figura 1 - Metade do grupo que não utiliza os sistemas de memória no momento pretende utilizar algum no futuro.

Portanto, estamos trabalhando com dois universos: um de 80, que corresponde ao total de respostas ao questionário, e outro de 50, que representa os tradutores que utilizam os sistemas de memória. Assim, dependendo da natureza das perguntas, os percentuais obtidos se aplicam a um ou outro universo.

A figura 2 apresenta a distribuição por programa utilizado. A grande maioria utiliza o Trados Translator's Workbench (80%), sendo o Wordfast (38%) o segundo preferido. Outros programas mencionados foram o SDLX (22%) e o Transit (18%), e o período de uso mais freqüente é de dois a cinco anos (50%), mas existem alguns usuários mais experientes com mais de cinco anos de uso (20%).

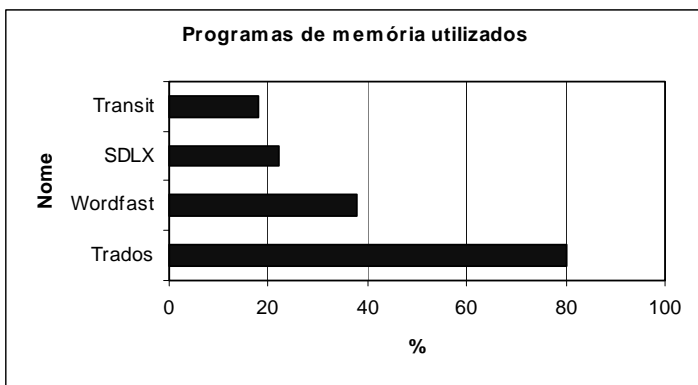


Figura 2 - O Trados Translator´s Workbench é o programa mais utilizado pelos tradutores, principalmente por indicação do cliente.

Indicação do cliente (56%) e funcionalidade e recursos (52%) foram os motivos de escolha mais citados, seguido de facilidade de uso (28%) e preço (16%). Alguns tradutores afirmam usar a memória até para projetos em que os clientes não exijam sua utilização, o que confirma a idéia de que esses sistemas já foram incorporados à rotina de trabalho desses tradutores e dificilmente serão abandonados. A figura 3 reflete as respostas para esta pergunta.

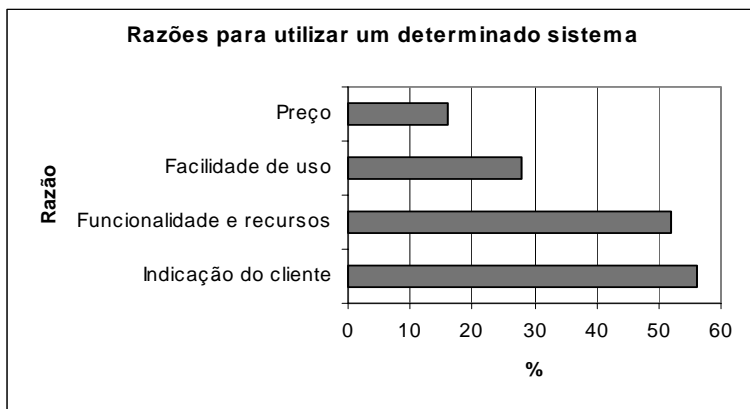


Figura 3 - O preço surpreendentemente não aparece como fator de peso na decisão de escolha do sistema a ser usado.

Setenta e sete por cento dos tradutores responderam que trabalham com tradução técnica envolvendo textos das mais diversas áreas, a saber: informática, marketing, patentes, telecomunicações, ciências humanas, máquinas industriais, petróleo, engenharia, finanças, direito, medicina, farmacêutica, metalurgia, seguros, automação industrial, indústria automotiva, odontologia, notícias, entre outras.

Trinta e oito por cento responderam que trabalham com localização de software, a saber arquivos *.rtf, *.html, *.xml, *.sgml, *.rc, *.txt, *.csv, *.hha (aplicativo HyperHub), além de arquivos gráficos (Photoshop, Illustrator, Corel, etc.).

A maioria dos tradutores trabalha como autônomo (70%), como sócio de empresa de tradução (20%) ou contratado (18%). Apenas 1% indicou que faz gerenciamento de projeto. Aqui também pode haver superposição de funções (o autônomo pode atuar temporariamente como contratado, assim como o sócio de empresa pode atuar como autônomo). A figura 4 apresenta estes dados.

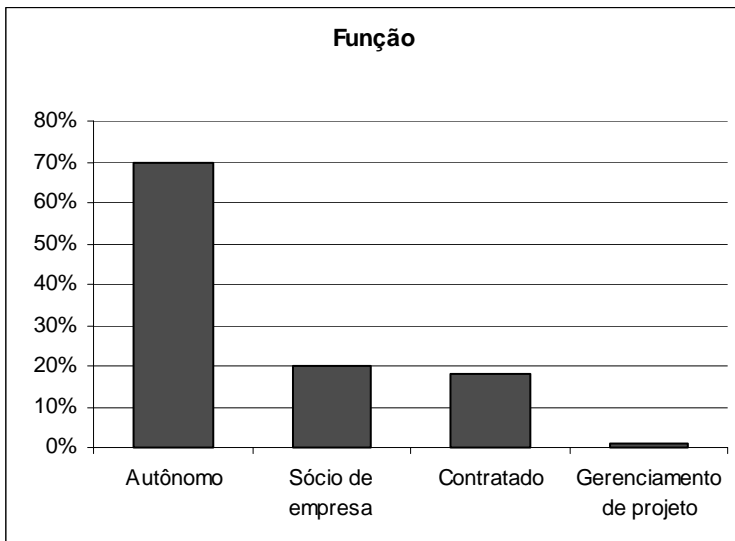


Figura 4 - As respostas refletem o grupo ao qual o questionário foi dirigido – tradutores – que podem atuar em diversas funções.

A maioria recebe seus arquivos em formato eletrônico (84%), mas também trabalha com papel, principalmente para editoras.



Figura 5 - Percentual do trabalho realizado com os sistemas: a tendência é que esse número aumente com o tempo.

A figura 5 mostra que, dentre os 50 que utilizam os sistemas de memória, 52% processam de 75 a 100% de seu trabalho usando esses sistemas, enquanto 18% responderam de 50 a 75%, 16% de 25 a 50% e 14%, menos de 25%. Estes dados podem ser relacionados ao tempo de utilização do sistema e se pretende ou não ampliar o uso. Quanto maior o tempo de utilização, maior será o volume de trabalho realizado com o auxílio dos sistemas de memória, uma vez que é um processo cumulativo, como já observado. Quanto maior o volume de trabalho já feito com o uso dos sistemas, menor será a necessidade de expandir sua utilização.

Em resposta à pergunta se deseja ampliar o uso para englobar outros tipos de texto, 62% responderam que sim e 20% responderam que não.

Em relação ao tipo de texto, 36% responderam que utilizam os sistemas para textos técnicos e 34% para todos os tipos de texto. Aqui houve certa confusão entre tipo de texto e formato de arquivo. Algumas pesso-

as indicaram formatos de arquivo *.rtf, *.doc, *.htm, *.ppt, *.xls.

Com relação ao uso de outras ferramentas de auxílio à tradução utilizadas em conjunto com os sistemas de memória, 56% responderam que utilizam sistema de gerenciamento de terminologia, 26% o sistema de reconhecimento de voz, 7% o de tradução automática. Outros 11% incluíram pesquisa na Internet e glossários e dicionários *on-line* como ferramentas também utilizadas. O motivo para usar sistemas de gerenciamento de terminologia é manter a consistência terminológica em grandes projetos. O sistema de reconhecimento de voz é utilizado principalmente para reduzir a possibilidade de lesões por esforço repetitivo (LER). Alguns (10%) se manifestaram contrários ao uso da tradução automática em função da qualidade insatisfatória de seus resultados. A figura 6 apresenta estes dados.

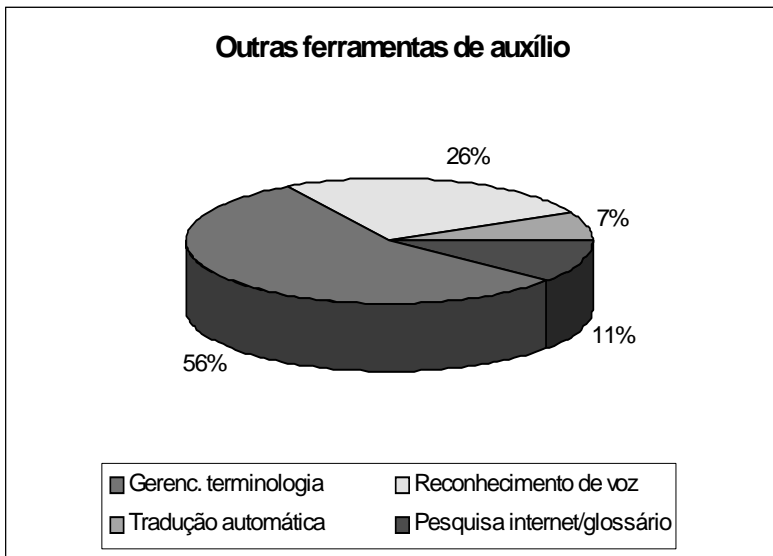


Figura 6 - Como muitas pessoas não responderam essa pergunta, é possível inferir que não utilizam outras ferramentas.

Em termos do investimento feito para uso com os sistemas, 38% responderam que investiram em equipamento (processador melhor

e mais memória). Outros (8%) desvinculam o investimento feito nos computadores das memórias de tradução e afirmam que investir na atualização dos computadores é uma constante. Outros, ainda, investiram apenas no software de memória propriamente dito (6%).

Quando perguntados se acreditavam que o uso de sistemas de memória melhorava a produtividade, 90% responderam que sim e apenas 10% responderam que não. Os principais motivos alegados foram: maior consistência (98%), maior padronização de terminologia (98%), mais velocidade (84%), maior economia (38%) (ver a figura 7).

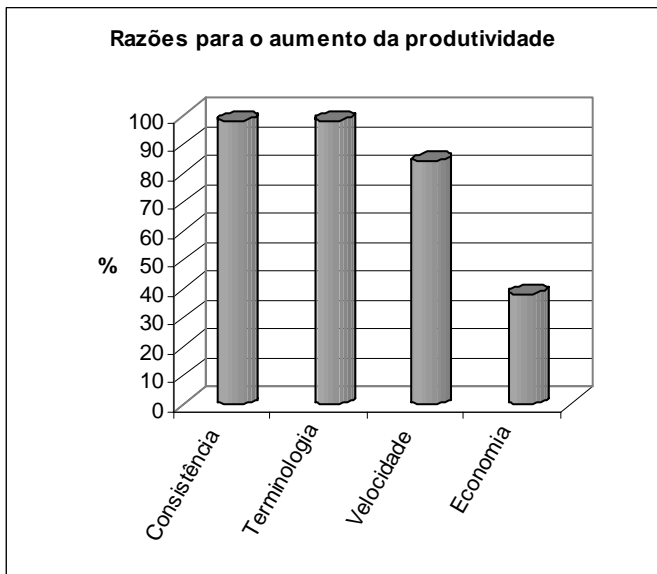


Figura 7 - Consistência e padronização terminológica são os principais fatores para o aumento da produtividade.

Com relação às dificuldades enfrentadas, os problemas mais citados foram questões de formatação (32%), erros de segmentação (30%), falhas na revisão (24%). A dificuldade de manutenção não aparece como motivo significativo nesta questão (8%) e a explicação para isso está nas respostas ao item sobre a manutenção e

revisão da memória, que indicam que não existe um consenso ou procedimento padrão para essas atividades e que muitos tradutores simplesmente não as executam por não saberem ou por não considerarem uma tarefa que cabe ao tradutor propriamente, mas ao revisor ou ao próprio cliente. Voltaremos a essa questão mais adiante, uma vez que este é um aspecto central.

O problema de formatação atrapalha bastante, uma vez que reformatar toma tempo e, dependendo do tipo de texto, pode ser uma tarefa bem complexa. Estilos (negrito, itálico, sublinhado), fontes e tamanhos de letra alterados são os problemas mais comuns identificados, além de problemas com listas com marcadores, numeradas, etc. Outro problema citado foram os erros de segmentação que dificultam a tradução, sendo que muitas vezes só é possível identificar como os segmentos devem ser traduzidos tendo como referência o texto final em inglês. Os problemas de falhas na revisão foram atribuídos ao próprio tradutor, que não percebe o que deve ser alterado em determinada equivalência “fuzzy” e acaba confirmando o segmento incorretamente, e à própria segmentação, que dificulta a visualização do texto com um todo.

Falta de suporte e treinamento (18%) são problemas mencionados dignos de nota, uma vez que um melhor treinamento pode ajudar o tradutor a resolver, ou até mesmo evitar, determinadas dificuldades com a utilização do sistema. Alguns tradutores reclamam que os manuais dos produtos são muito deficientes e que não existem treinamentos acessíveis. Outros, ainda, indicaram o preço e a taxa de câmbio como um dos fatores que dificultam não só a aquisição do produto em si, mas de suas novas versões atualizadas. A figura 8 apresenta estes dados.

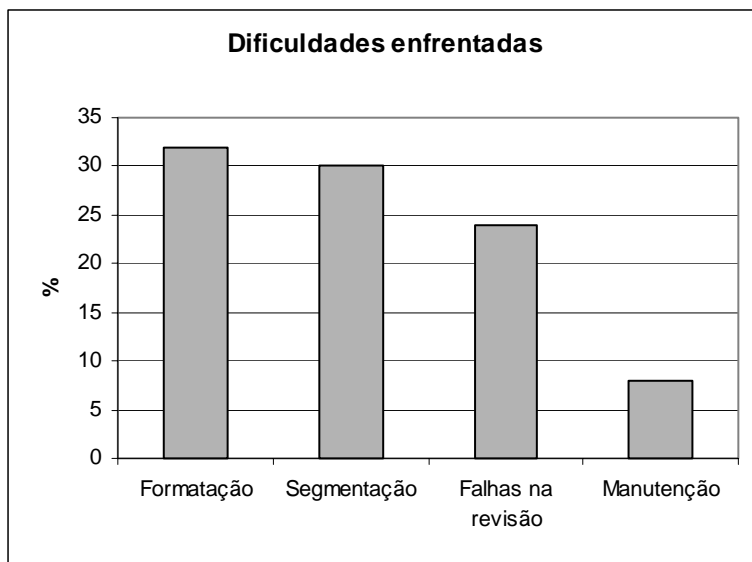


Figura 8 - Problemas de formatação são as dificuldades mais encontradas (incluindo problemas de tipo de fonte, códigos e layout).

A maioria dos participantes utiliza tanto memórias próprias quanto criadas por terceiros (66%), expressando nítida preferência por trabalhar com suas próprias memórias, por terem “maior controle” sobre elas. Um tradutor manifestou interesse em comprar memórias de “fontes confiáveis”, o que reflete uma tendência apontada na pesquisa da LISA para a existência de um mercado de memórias de tradução. Esta é uma possibilidade que não deve ser descartada; devemos observar seus desdobramentos nos próximos anos.

Como mencionado, a maior margem de variação nas respostas foi justamente a que questionava como os tradutores fazem a revisão e a manutenção das memórias (figura 9), mostrando que não há uma forma padrão de conduzir o processo. Como se tratava de uma pergunta discursiva, nem todos os participantes responderam: do total, apenas 37 indicaram como fazem (ou não) a revisão e a manutenção. Devido à grande variação, as respostas foram agrupadas em categorias mais abrangentes para facilitar o entendimen-

to: 14% não fazem ou não sabem fazer manutenção da memória; outros 14% a fazem manualmente, sem recursos específicos; outros 14% seguem as instruções do fabricante, reorganizando as memórias regularmente ou usando ferramentas para essa finalidade; 12% fazem a revisão durante o uso da memória ou a cada novo projeto; 6% acreditam ser essa uma função que cabe ao cliente ou revisor e não ao tradutor, a não ser que seja uma atividade remunerada; 4% fazem somente atualização dos termos; 2% possuem uma memória matriz para todos os projetos nos pares de idiomas inglês – português e outra para português – inglês; 2% afirmam que “isolam”, i.e. não examinam, as equivalências de 100%.

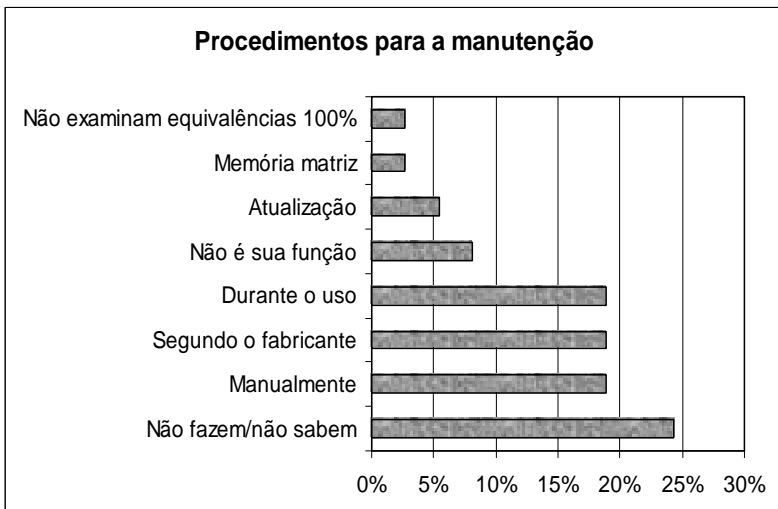


Figura 9 - A variedade de procedimentos indica que existe dificuldade na realização da manutenção.

Algumas respostas merecem destaque:

“Nas memórias controladas por mim, (a revisão é feita) a cada final de projeto. Nas memórias impostas pelos clientes, nunca – é de responsabilidade deles, infelizmente, não raro repletas de bobagens.” (Informante 27)

“Esse é um problema sério, nem sempre conseguimos revisar as memórias de forma apropriada. Seria muito interessante saber como outras pessoas lidam com esse problema.” (Informante 36)

“Quando tenho tempo, leio tudo, até os 100%. Quando não tenho muito tempo, exporto os segmentos da TM e localizo/substituo os erros no *.txt, depois importo de novo o *.txt para a TM. Quando não tenho tempo nenhum, aí dou um “Translate to Fuzzy”, que poupa um tempo danado, mas sempre deixa erros para trás.” (Informante 37)

Quanto às equivalências de 100%, 88% dos participantes afirmam que fazem a revisão desses segmentos, mas com ressalvas relativas ao tipo de projeto e orientação do cliente. Alguns tradutores só revisam as equivalências de 100% quando os clientes pagam por isso.

O grau de satisfação com as equivalências de 100% foi alto: 56% se mostram satisfeitos com a qualidade das equivalências apresentadas, 26% estão muito satisfeitos, 2% são indiferentes e 4% estão insatisfeitos. Interessantemente, essas respostas também foram acompanhadas de comentários relativos à propriedade da memória: todos sem exceção informam ficar satisfeitos com suas próprias traduções, mas reclamam de problemas de falta de revisão ou má qualidade da tradução anterior. As mesmas respostas foram obtidas quando perguntados se costumam alterar as equivalências de 100%: 6% sempre alteram independentemente da orientação do cliente (se encontrarem erros, por exemplo), 8% nunca alteram e 78% alteram se forem orientados nesse sentido.

O grau de satisfação com as equivalências inferiores a 100% (“fuzzy match”) também é alto, embora ligeiramente diferente dos resultados para as equivalências de 100%: 58% estão satisfeitos, 8% estão muito satisfeitos, 6% indiferentes, 14% estão insatisfeitos e 2% muito insatisfeitos. A figura 10 apresenta uma comparação entre estes dados.

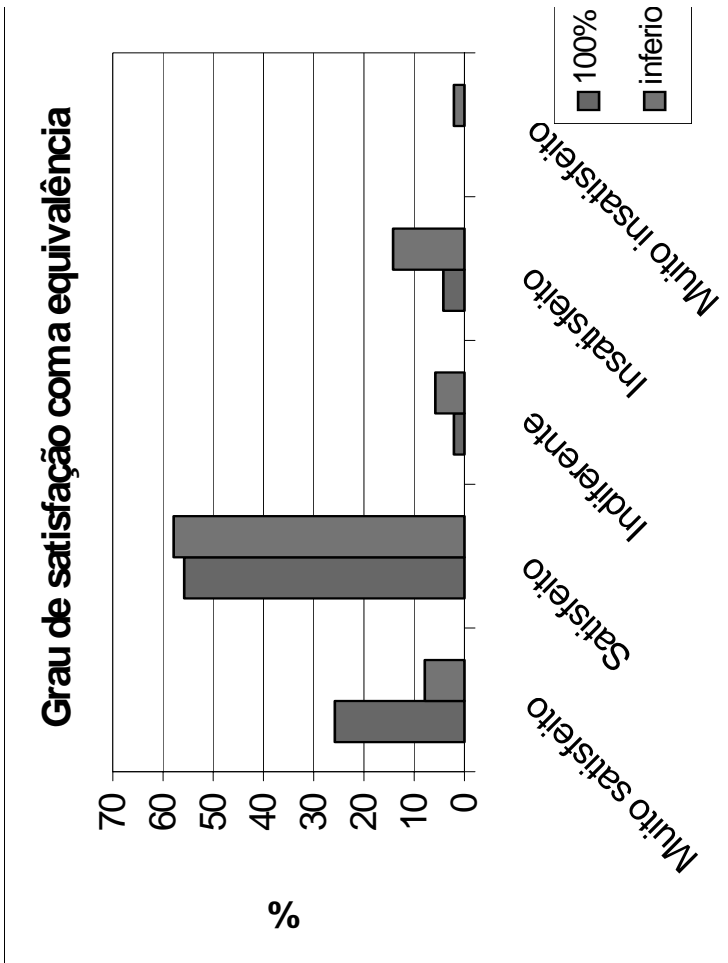


Figura 10 - A satisfação é grande quando a memória é do próprio tradutor, mas muitas vezes insatisfatória quando criada por terceiros.

Aqui também os comentários dos tradutores comprovam como a questão da qualidade das memórias é uma área sensível, prevalecendo a idéia de que, quando a memória é desenvolvida pelo próprio tradutor, a qualidade é maior em detrimento daquelas que foram desenvolvidas por terceiros:

“Varia. Quando a memória é minha, costuma ficar satisfeita. Quando a memória é fornecida pelo cliente, muitas vezes a qualidade é insatisfatória.” (Informante 15)

“Muito satisfeito, desde que EU tenha definido a memória, não o cliente.” (Informante 27)

“Dependendo da memória, os segmentos 100% podem apresentar uma boa qualidade de texto. Mas, em alguns casos, é imprescindível fazer uma revisão ou pelo menos o *proofing* para resolver os problemas vindos de falhas em projetos anteriores (falta de revisão, má qualidade de tradução, etc.)” (Informante 28)

Além disso, um outro aspecto revelado pelas respostas dos tradutores é o nível de revisão que cada tradutor faz a partir dos graus de equivalência apresentados pelos programas. Acredito que essa questão esteja intimamente relacionada com a pouca ou nenhuma prática, por parte dos tradutores, de revisão de trabalho de terceiros. Quando perguntados se costumavam alterar as sugestões propostas pelos sistemas de memória, algumas respostas surpreenderam:

“Costumo alterar mesmo quando o cliente não paga e eu encontro erro.” (Informante 9)

“Percebo que muitas vezes o tradutor tem um certo receio de alterar os 100% *matches* mesmo quando é solicitado que ele revise esses segmentos.” (Informante 36)

“Quando o cliente diz, ‘não altere’, bom aí, eu não altero. Mas se o cliente permitir, reviso tudo e altero o que achar necessário.” (Informante 10)

“Quando o cliente pede explicitamente para não alterar nada nos segmentos ‘100% match’, não altero nada, a não ser que encontre erros óbvios de ortografia ou gramática.” (Informante 79)

Principais conclusões

Os resultados do questionário indicam um uso cada vez maior dos sistemas de memória, tanto por tradutores autônomos, como demonstrado pelo questionário distribuído aos tradutores brasileiros, quanto por empresas, segundo indicado pela pesquisa da LISA.

Por outro lado, percebe-se que grande parte dos tradutores brasileiros utiliza um determinado sistema por recomendação do cliente.

O fato de o preço não ser o principal fator de escolha não necessariamente reflete uma preocupação maior com a qualidade dos produtos, uma vez que a opção segue uma recomendação do cliente (“exigência” ou “imposição” também foram termos usados pelos tradutores). Ao fim e ao cabo, prevalece o critério econômico, uma vez que, caso o tradutor não disponha do sistema recomendado pelo cliente potencial, este pode optar por outro tradutor que acate sua sugestão.

Diante disso, a discussão sobre o formato aberto – TMX ou TXT ou outro qualquer – ganha relevância, pois pode dar ao usuário maior liberdade de escolha. O que deve prevalecer, no final, é que o trabalho entregue atenda às necessidades do cliente, independentemente das ferramentas utilizadas.

Além disso, a opção por usar ou não os sistemas parece não ser tanto uma preocupação com o aprimoramento pessoal de seu trabalho, em um primeiro momento, mas sim de atender o cliente.

Em um segundo momento, ao reconhecer as vantagens dos sistemas, os tradutores incorporam os programas a seus outros trabalhos, para outros clientes, que podem até mesmo ignorar a existência desses recursos.

Ainda assim, a adoção dos sistemas tem muitas ressalvas, descritas no item relativo às dificuldades encontradas (problemas de formatação, erros propagados, etc.). Dentre esses problemas, o mais significativo é a indicação, por parte dos tradutores, de que as memórias desenvolvidas por terceiros são de qualidade duvidosa e exigem revisão de trechos que supostamente deveriam estar certos

(“equivalência de 100%”). Isso confirma minha própria experiência no uso dessas ferramentas: embora a revisão e a manutenção das memórias sejam fatores cruciais para determinar a qualidade final dos produtos localizados, não há um processo sistemático para realizá-las, e as memórias acabam contendo erros que podem ser facilmente propagados.

Esta questão assumiu um papel central e, como já mencionado, deu origem à dissertação de mestrado intitulada “Memória de tradução: auxílio ou empecilho?”.

Assim como a pesquisa da LISA foi repetida no final de 2004, seria interessante poder acompanhar a evolução dos padrões de uso dos sistemas de memória de tradução com a realização de novos questionários para este fim. Acredito que esta pode ser uma valiosa contribuição para acompanhar a evolução do mercado brasileiro de ferramentas de auxílio à tradução, particularmente as de memória de tradução.

Notas

1. Artigo elaborado a partir da Dissertação de Mestrado em Estudos da Linguagem defendida em 2004 intitulada “Memória de tradução: auxílio ou empecilho?”, sob orientação da Profa. Marcia do Amaral Peixoto Martins, na PUC-Rio.
2. Tradução minha, assim como todas as demais citações de textos estrangeiros não publicados em português.
3. Para obter os resultados da pesquisa na íntegra, ver www.lisa.org/products/survey/2003/tmsurvey.html. Esta pesquisa foi repetida no final de 2004, e seus resultados também estão disponíveis *on-line*, confirmando praticamente todas as tendências reveladas na primeira (ver www.lisa.org/products/survey/2004/tmsurvey.html) Acesso em: 14 de março de 2005.

4. Segundo a LISA, *TMX* é um padrão aberto, independente de plataforma, desenvolvido para armazenar e trocar memórias de tradução criadas por diferentes ferramentas de auxílio à tradução e ferramentas de localização. O objetivo desse padrão é facilitar a troca dos dados armazenados em memórias de tradução de diferentes fabricantes e/ou prestadores de serviços de tradução, sem que haja perda de dados importantes durante o processo. O padrão *TMX* é resultado de uma iniciativa do comitê *OSCAR* (*Open Standards for Container/Content Allowing Re-use*), um grupo de interesse especial da LISA.

Referências

AUSTERMÜHL, Frank (2001). *Electronic tools for translators*. Manchester: St. Jerome Publishing.

BENIS, Michael (1999). "Translation memory from o to r". On line: <http://www.transref.org/default.asp?docsrc=/u-articles/Benis3.asp> Acesso em: 25 de janeiro de 2004.

DENNETT, Gerald (1995). *Translation memory: concept, products, impact and prospects*. Dissertação de mestrado, South Bank University, Londres. On line: http://www.star-uk.co.uk/About_us/People/Gerald_Dennett/msc.pdf Acesso em: 25 de janeiro de 2004.

ESSELINK, Bert (2000). *A practical guide to localization*. Amsterdã/Filadélfia: John Benjamins.

HEYN, Matthias (1998). "Translation memories: insights and prospects". Em Lynne Bowker et ali. (orgs.) *Unity in diversity? Current trends in translation studies*. Manchester: St. Jerome Publishing, pp. 123-136.

LOMMEL, Arle (2002). *LISA 2002 Translation memory survey: translation memory and translation memory standards*. The Localization Industry Standards Association (LISA). On line: <http://www.lisa.org/products/survey.html> Acesso em: 25 de janeiro de 2004.

MERKEL, Magnus (1998). "Consistency and variation in technical translations: a study of translators' attitudes". Em Lynne Bowker et ali. (orgs.) *Unity in diversity? Current trends in translation studies*. Manchester: St. Jerome Publishing, pp. 137-149.

O'BRIEN, Sharon (1998). "Practical experience of computer-aided translation tools in the software localization industry". Em Lynne Bowker et ali. (orgs.) *Unity in diversity? Current trends in translation studies*. Manchester: St. Jerome Publishing, pp. 115-122.

WEBB, Lynn (1999). *Advantages and disadvantages of translation memory: a cost/benefit analysis*. Dissertação de mestrado, Monterey Institute of International Studies, Califórnia. On line: www.webbsnet.com Acesso em: 25 de janeiro de 2004.

Sites:

ATRIL (www.atril.com)

LISA (www.lisa.org)

SDLX (www.sdlx.com)

STAR (www.star-group.net)

TRADOS (www.trados.com)

WORDFAST (www.champollion.net)

APÊNDICE 1. QUESTIONÁRIO

1) Você conhece os Sistemas de Memória de Tradução?

- Sim Não Caso não utilize, planeja usar algum sistema desse tipo no futuro
 Sim Qual? Por quê
 Não Porquê
 Não sente necessidade
 Não trabalha com textos eletrônicos
 Não conhece ou não se interessa por esses sistemas
 Outros Especifique, por favor:

2) Qual sistema você utiliza?

- Déjà Vu Transit
 Trados Translator's Workbench Wordfast
 Wordfisher Outros
Especifique, por favor:

3) Há quanto tempo?

- Menos de 1 ano De 1 a 2 anos
 De 2 a 5 anos Mais de 5 anos

4) Qual o motivo da escolha:

- Indicação do cliente Facilidade de uso
 Preço Funcionalidade e recursos
 Outros
Especifique, por favor:

5) Trabalha com que tipo de texto?

- Tradução técnica Localização de software
Especifique, por favor:

6) Trabalha como:

Tradutor autônomo Contratado em empresa de tradução ou localização

Gerente de projetos de tradução Outro

Especifique, por favor:

7) Recebe seus arquivos de trabalho em formato eletrônico?

Sim Não

8) Que percentagem do trabalho é processada usando Memória de Tradução?

Menos de 25% 25 a 50%

50 a 75% 75 a 100%

9) Para que tipo de texto utiliza a Memória de Tradução?

10) Planeja ampliar o uso para englobar outros tipos de texto?

Sim Não

11) Utiliza alguma outra ferramenta de auxílio à tradução computadorizada?

Tradução automática Sistema de reconhecimento de voz

Sistema de gerenciamento de terminologia Outro

Por quê?

12) Precisou investir em outros recursos de hardware/software para usar o sistema de Memória de Tradução? Quais?

13) Acredita que o uso do sistema facilite/melhore sua produtividade?

Sim Não

Em que medida:

Maior consistência Maior velocidade

Maior padronização Mais economia

da terminologia

Outros

Justifique sua resposta, por favor:

14) Que tipo de dificuldade enfrenta (se houver)?

Problemas de formatação Dificuldade de manutenção

Erros de segmentação Falhas na revisão

Falta de suporte Outros

Justifique sua resposta, por favor:

15) Utiliza a memória em conjunto com funções ou ferramentas de glossário?

Sim Não

16) Usa memórias criadas por terceiros em seus projetos de tradução ou apenas suas próprias ou ambos?

Própria Terceiros

Ambos

17) Como faz a manutenção e a revisão da memória?

18) Com que percentual de equivalência (match) você costuma trabalhar?

Até 50% De 51 a 80%

De 81 a 100%

19) Relê ou revisa as equivalências de 100%?

Sim Não

20) Qual seu grau de satisfação em média com as equivalências de 100% apresentadas

Muito satisfeito Satisfeito Indiferente Muito insatisfeito

21) Costuma alterar as equivalências de 100% sugeridas?

Sempre Nunca Às vezes

22) Se não altera, por quê?

Por orientação do cliente

